

Vida Alentejana

SEMANÁRIO AGRÍCOLA // PECUÁRIO // TURÍSTICO DE COTAÇÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, -Telef. 2 1622—LISBOA

A adesão do nosso Gremio

Recebemos o seguinte officio do Gremio Alentejano:

Senhor Pedro Muralha. Cumpre-me informar v. que em sessão da Direcção celebrada em 8 do corrente, foi deliberado prestar todo o apoio possível ao novo semanário "Vida Alentejana", dando informação pormenorizada de todos os assuntos internos do Gremio e auxiliando a valiosa iniciativa de v. por todos os meios que se encontrem ao nosso alcance.

Com toda a consideração se subscreve pelo Gremio Alentejano — Antonio Izidro Gama.



Menino de 15 mezes, José Elias Romão Martins, filho do nosso amigo Joaquim Elias Martins e de D. Catarina Constança Romão Martins, de Portalegre



Um dos pastorinhos alentejanos natural de Monforte que desde os mais verdes anos labutam pelo pão de cada dia

A Vida Alentejana

O programa da Vida Alentejana? E' simples:

- 1.º — Defender o Alentejo dos dislates dos seus detractores;
- 2.º — Propagar as suas belezas que são inumeras;
- 3.º — Defender os lavradores das garras dos especuladores, trazendo sempre ao corrente dos preços dos productos que tem para vender.
- 4.º — Dar-lhes, por intermedio de pessoas especializadas conhecimentos uteis, tanto na agricultura como na pecuaria, na horticultura, apicultura, floricultura, etc.

E se cumprirmos bem estes quatro capitulos julgamos ter prestado ao Alentejo o mais relevante serviço.

Dos primeiros numeros fazemos uma grande tiragem. Vai dirigido a todos os alentejanos, ou filhos, ou ainda, a quem tenha interesses no Alentejo. Ambicionamos apenas 10 % dos nomes daqueles a quem nos dirigimos. Com esses contaremos. Preferimos poucos mas bons, a muitos que nos não saibam compreender. Os que não nos quiserem acompanhar nesta cruzada, já nos prestarão um serviço devolvendo à procedencia este jornal.



Tipo de mendigo

Mercados e feiras alentejanas

Setembro:

Feiras — Dia 1, Montemor-o-Novo; Amareleja; Aldeia Nova e Santa Clara a Velha (Odemira). Dia 3, Safara. Dia 8, Moura e Barbacena (Elvas). Dia 10, Crato. Dia 13, Beringel (Beja); Portalegre e Odemira; Dia 14, Mourão. Dia 15, Belver (Gavião). Dia 16, Aljustrel; Ferreira do Alentejo; Vendas Novas e Cabeção Dia 17, Arronches Dia 20, Elvas e Mértola. Dia 21, Viana. Dia 25, Almodóvar. Dia 28, Ourique. Dia 29, S. Teotónio (Odemira) e Souzel. Dia 30, Santo António das Areias (Marvão).

Mercados — 1.º domingo em Beja. Às 2.ªs feiras, Elvas. 3.ªs, Évora 4.ªs, Portalegre e aos sábados Estremoz e Moura.

Desejamos dar aos nossos leitores informações exactas sobre os preços dos productos agricolas e dos gados, correntes nas feiras alentejanas. A principio teremos que lutar com muitas dificuldades, visto pessôas a quem nos dirigimos não quererem, certamente por comodismo, fazer-nos o favor de nos enviarem os respectivos boletins preenchidos. Mas esperamos encontrar boas vontades para resolver esse assunto.

Aos meus colegas

Vai o nosso prezado amigo senhor Pedro Muralha tentar a publicação de um semanário de interesse para o Alentejo.

Um semanário dessa ordem pode ser de grande utilidade para todos os lavradores.

Nele podem ser versadas questões técnicas, agrícolas, sociais, pecuárias, veterinárias, informações e comunicações legislativas, etc., enfim uma quantidade de coisas.

Mas para que um periódico destes seja assinado, é necessário que seja lido, e para isso, que nos dê conhecimentos uteis.

Fartos estamos nós, de artigos, tirados de todos os velhos alfarábios, enciclopedias de agricultura, jornais estrangeiros, mais ou menos teóricos, e inaplicáveis ao nosso meio.

O que nós necessitamos é, de factos constatados na nossa labuta, pelos nossos colegas.

Quantas coisas sabem os nossos agricultores práticos, que não veem a publico e que tão uteis seriam?

Julgam que não vale a pena, não ligam importância, não se atrevem a escrever!

E tantas coisas interessantes há a dizer, que muitos sabem, e outros ignoram.

Para isso pode servir este periódico. Deseja algum carneiros, toiros, ovelhas e porcos?

Quem tem bom? Não se sabe. Qual o último preço da cortiça ou do azeite?

Quanto vale a aveia nova? Já vendeu a sua lã? E qual é o preço da branca ou da preta?

Há procura? Não? Tudo isto necessitamos saber.

* * *

Mas todas estas informações devem ser exactas, verdadeiras, frescas, com indicação de qualidade.

* * *

Ninguém imagina a importância de um bom serviço de informação rápido, exacto, verdadeiro.

Compenetrem-se todos que, se querem um jornal informado e útil, todos devem esforçar-se para o auxiliar, de modo que sendo bom, poderá ser quasi um órgão da classe.

A caixa acerca de preços, pode beneficiar de momento um, na generalidade quem lucra é o negociante, porque ele é mais mexido, circula mais, está mais em contacto com o mercado, e, finalmente, quasi sempre se encontra de um lado um pe-

queno grupo que facilmente se mete de acordo, e, de outro, um numero infinito de vendedores, que nenhuma ligação tem entre si, e que, geralmente, necessitam de dinheiro e de pressa. Quer dizer: estão na melhor postura para ser explorados.

* * *

Por isso colegas, de boa vontade vamos a colaborar todos com o nosso esforço nesta obra.

Prestaremos um grande serviço a nós próprios e à classe, e não só, a este jornal.

UM LAVRADOR ALENTEJANO

Notícias pessoais

Vimos em Lisboa os nossos comprouvianos:

De Evora: Manuel Rosado Mira, José Carlos Abelha e dr. Júlio de Moraes.

De Beja: Afonso José das Fontes, Manuel Romão e Augusto Lampreia (da Salváda).

De Portalegre: dr. Galiano Tavares. *De Alter do Chão:* dr. Francisco Alvim e Rafael Mendes Calado.

De Estremoz: João Francisco Carreço Simões.

De Souzel: dr. José de Almeida e António José Simões (Casa Branca).

De Ferreira do Alentejo: Inácio Fialho Maceta.

De Moura: José Ramos. *De Monforte:* José Pereira de Moura e José Alfredo Sardinha.

De Avis: José Diogo Pais. *De Monte Negro:* Joaquim da Silva Brito Pais Falcão.

De Mora: José Homem Vieira Lopes. *De Elvas:* Domingos Serra. *De Arraiolos:* Francisco Marques Coelho.

Doentes

José Júlio Brito Pais

Do Luzo retirou para o Monte Velho, já em via de convalescência o nosso querido amigo sr. José Júlio Brito Pais, que a doença reteve por largo tempo no leito.

Cândido Liberato

O inteligente moço eborense, nosso amigo Cândido Liberato que há um mês deu entrada no Sanatório de Portalegre, deu-nos a boa notícia das suas melhoras, com o que muito nos regosijamos.

Ao sr. general

Teófilo Trindade

Transcrevemos do *Diário de Notícias*, de 21 do mês passado, no relato da V volta a Portugal:

«Na parte mais dura do percurso deu-se a desistência do ciclista-marinheiro». Entra-se no caminho de S. Luiz, a parte mais dura do percurso por uma estrada onde o pó tem muitos centímetros de altura. A prova feita nestas extraordinárias condições não tem descrição possível.

«A energia com que todos procuram vencer as mil dificuldades do percurso é qualquer coisa de formidável. Só Santos Duarte tem um momento de desanimo que chega para o levar à desistência.»

Santos Duarte foi o enérgico atleta vencedor da 1.ª etapa. Ganhou a camisola amarela em Sines para a perder no Alentejo, perto de S. Luiz, concelho de Odemira, o maior e o mais rico do país.

Chamamos para o caso a atenção da Junta Autonoma das estradas.

O Album Alentejano

Estão-se a imprimir os últimos concelhos do Distrito de Portalegre, 3.º tomo que deve ficar com maior número de páginas do que os outros dois distritos já publicados.

Este tomo que insere mais de mil gravuras, e que trás as descrições de cerca de 100 casas agrícolas, deverá ficar concluído entre 2 meses, para depois se fazer o projectado apêndice ao Distrito de Beja, cujas maiores casas agrícolas já aderiram.

O Album completo deve ficar com 1200 páginas e insere mais de 2 mil fotografias.

Quasi todos os concelhos de Portalegre tem adquirido separatas.

Muito importante

A Vida Alentejana não se vende avulso. É remetida para os seus assinantes, pois custa apenas 10 escudos por uma série de 10 números. As pessoas que lhe convierem mais o pagamento às séries de 5 números, muito agradecemos que nos comuniquem.

Lavradores — *Quereis estar sempre ao facto dos preços dos vossos productos? adquiri A Vida Alentejana.*

Alentejanos — *Na A Vida Alentejana encontrareis sempre a vossa defesa e a propaganda da nossa provincia.*

Agricultura Alentejana

Os gados, as culturas cerealíferas e o seareiro

Informações AGRICOLAS

Sem gados não há agricultura progressiva, diz um velho e conceituoso aforismo. De facto assim é, até mesmo em relação à cultura cerealífera quando exercida sob a forma extensiva, não se podendo conceber agricultura intensiva sem a existência de gados.

A cultura cerealífera é de todas a mais contingente do Baixo Alentejo, devendo atribuir-se essa inconstância, mais à irregularidade do clima, sobretudo à distribuição das chuvas, do que à pobreza dos terrenos.

Principalmente, nas terras galegas pobres (schistosas), que devem ocupar cerca de nove décimos da área do distrito de Beja, a cultura cerealífera salda a sua conta com deficit, na maior parte dos anos; nalguns as receitas mal cobrem as despesas e raros são aqueles em que esta cultura apresenta um lucro apreciável.

Estou a ver o leitor, em face desta afirmação, fazer a si próprio esta pergunta: «Porque é então que a agricultura do sul não faliu já, tendo como base uma cultura tão contingente?» Não faliu já, mas tem suportado enormes sacrifícios, que alguns dos nossos economistas facilmente esquecem sempre que se aproxima um ano de esperanças colheitas, como as do corrente ano, falando-se logo na possibilidade e conveniência da baixa do preço do trigo, sem se lembrarem que estes anos mal chegam para saldar os encargos acumulados por uma série de anos deficitários.

E assim mesmo muitos pequenos lavradores e ainda alguns grandes, baquearam, por não poderem suportar os encargos que esta cultura lhes acarretou numa série de três anos maus anteriores a 1932, de nada lhe tendo servido a abundante e excessional colheita que neste ano tiveram. E dos restantes lavradores, os que não liquidaram, foi porque, uns, sendo económicos e previdentes, haviam amealhado uma pequena reserva que suportou os encargos do período de crise e os restantes porque tiveram a cobrir esses encargos os gados e a cortiça.

Além disso uma grande parte do trigo que se produz no Baixo Alentejo é cultivado por seareiros que amanhã as terras quasi exclusivamente com os seus braços e os de sua família, fazendo por isso render muito mais o seu trabalho e o dos poucos assalariados que admitem, do que o pode fazer o grande e mesmo o pequeno lavrador, por mais bem montada que tenha a sua administração e melhor fiscalizados que traga os seus encargados.

Consequentemente o seareiro produz o

trigo a um preço mais baixo do que o lavrador.

É tão marcante a acção do seareiro na cultura do trigo que há anos, quando tivemos interferência na administração duma grande casa agricola na região de Beja constatamos o seguinte: Fazia parte desta administração, além de outras, uma lavoura de cerca de 600 hectares. Enquanto esta propriedade foi explorada por conta da casa, por administração directa, a exploração pouco lucro dava, apresentando alguns anos prejuizo. Passou-se a dar as terras á razão, ao quarto, obrigando o seareiro a cumprir certas normas tendentes a uniformizar a produção e a exploração da propriedade passou



J. Mira Galvão
Comendador de merito agricola

a dar lucro apreciável, dando igualmente bons interesses aos seareiros que a cultivavam e que disputavam as terras por empenho. Logo os gados e o seareiro são dois grandes factores económicos da agricultura alentejana e sem eles não poderia existir a cultura cerealífera.

Mas... agora reparo. Tinham-me pedido um pequeno artigo para a «Vida Alentejana» e este já vai longo. Que nos desculpe o nosso patricio Pedro Muralha e para me penitenciar prometo outro artigo maior, porque este assunto tem ainda muito que desfiar.

Beja, 1-6-934.

J. MIRA GALVÃO
Eng. agrónomo

Barrancos

Searas — O resultado das colheitas que estão atrasadas é magnifico. Os trigos estão a produzir de 14 a 18 sementes; aveias de 13 a 16 e cevadas 15 a 17. Nota-se bom peso nos trigos.

Montados de azinho — Consequência do burgo e mais ainda dos frios da Primavera, não mostram bolota; nesta região não há memória de vêr montados tão despídos de fruto.

Montados de sobre — Dão alguma esperança mas como se sabe é incerta a produção, pois tudo depende de um outono temperado.

Olivais — Má novidade pelo mesmo motivo dos frios da Primavera, o que sucede a todos os frutos este ano, cuja escassês e má qualidade é notória.

Floricultura

Durante o mês de Setembro devem plantar-se as seguintes qualidades de flores, por ordem alfabética:

Açafates de prata, amores perfeitos, assembleias, ásteres, begonia sempre em flor, blents, bocas de lobo. Calceolarias, calendulas, casadinhos, cantarias, chagas, ciclames, cinerarias, charquias, coelhinhos, cravinas, cravos dobrados, cravos da China. Ervilhas de cheiro, esporas, estrelas do Egipto. Flox. Galhardas, gazão (relva), gerberia, gipsófilas, godetia, goivos, gotas de sangue. Lembra-te de mim, leucantemo, linho encarnado, lobelias. Malmequeres anuais, malmequeres de palha, malvaico, maravilhas, margaridas, marticaria, mimulas, miosótis. Não me esqueças. Paciências, papões, papoulas, pensamentos, piretro dourado, primulas da China, primulas dos jardins, Resedas. Sálvia, saudades, shizanthus, sempre-vivas. Verbenas, vinha virgem, violetas.

Horticultura

Devem, no mês de Setembro, semear-se: Agriões de agua, de jardim e de mastruço; alfices de recortar e refohudas; álho francês; beldroegas, bróculos; cebola, cebolinha; cenoura; cerefólio; chicorias para salada; coentros.

São as seguintes as qualidades de couves que se devem plantar este mês: couves-bróculos, moletas de Bruxelas, flores-temporãs, de folha lombarda, de repólho e tronchuda.

Também se devem cultivar: Ervilhas, espinafres (excepto o de inverno), feijões, mangerona, morangos, mostarda, nabos seródios e temporãos; pimpinela, rabanetes temporãos e de inverno; rabano; ruibarbo; salsa e segurelha.

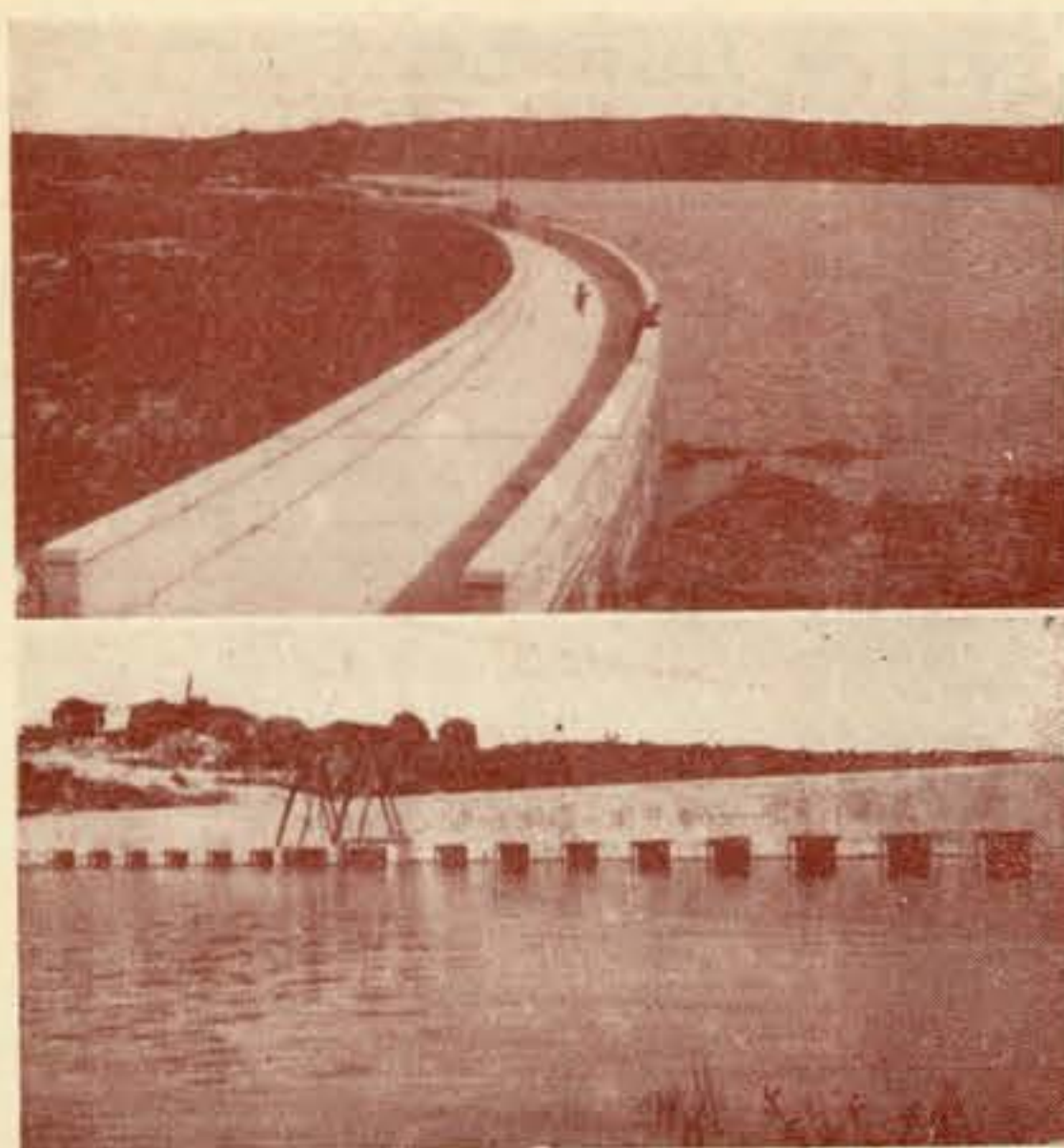


Uma linda quinta

Vende-se na Amadora com linda casa de habitação, com todas as comodidades modernas, cuja fachada publicamos. Os que tenham pessoas de familia fracas terão toda a conveniencia em adquirir esta habitação que é como que um sanatório. Tem agua nativa e garage.

Nesta redacção se dão todas as informações.

Rua da Rosa 105.



A Barragem — Agua saindo pelas descarregadeiras a 28,75 de altura

NA *Indústria Nacional*, n.º 75, da importante revista da Associação Industrial Portuguesa, o nosso distinto comprouvenciano sr. Engenheiro José C. Nunes, Presidente do Gremio Alentejano, publica um eloquente artigo que merece uma referência especial.

Referindo-se aos aproveitamentos hidro-electricos, faz uma larga exposição sobre o esforço da Hidro-Elctrica do Alentejo do qual com a devida venia recortamos os seguintes periodos.

«Lirismo, tudo lirismo de que enferma esta raça de poetas... Fugindo á tradição e entrando pelo caminho das realizações, a obra da Hidro-Elctrica Alto Alentejo marca uma nota vigorosa de fé nesta terra de descrentes e de derrotistas. Por isso mesmo, se ela teve desde o início e continua tendo a acarinhá-la, um grande numero de dedicações preciosas robustecidas ao contacto das dificuldades, não lhe tem também faltado a escabrosidade do calvario, erguida pela maledicencia indigena dos grandes impulsionadores que estadeiam a sua competencia olimpica pelas mesas dos cafés.

E' muito mais difficil em Portugal vencer o peso morto da maledicencia, da inveja, da descrença e, ai de nós, da calunia, do que todos os outros obstaculos inevitaveis na marcha de qualquer empresa.

Indiferente a todas as arremetidas que se tem esboçado a Hidro-Elctrica Alto Alentejo tem sabido corresponder á confiança que nela se depositou.

Partindo do simples para o composto, ela equipou a sua primeira central em 1927, que abastecia as povoações circun-



Um aspecto da albufeira

vizinhas, produzindo nesse ano 60.299 Kwth que se elevaram em 1928 para 258.067.

Em 1929 a produção atingia 1.188.769 Kwths e então a Hidro-Elctrica corresponde ao desenvolvimento industrial da região e conseqüente aumento de consumo com o equipamento da sua segunda central — Bruceira — com 2500 HP de força. O consumo duplica em 1930 para 2.516.623 Kwths, até atingir no ano findo cerca de 4.000.000 de Kwths. De novo se chega a uma quasi saturação e a Hidro-Elctrica responde com a construção da sua terceira central — Velada — com 6.000 HP de força e que lhe permitiria chegar no ano corrente ás proximidades dos 12.000.000 de Kwth., se não fossem as dificuldades burocraticas, que mais uma vez vêm anular tantos sacrificios feitos.

As suas linhas de transporte, a tensão de 6.000, 30.000, e 60.000 volts, tenderão no fim do ano corrente para os 500 kilometros de extensão, interessando 20 concelhos do País.

Apesar disto, que não é pouco, dentro da pequenez do nosso meio e das dificuldades que ela tem encontrado, estão longe ainda de se esgotarem as possibilidades da Hidro-Elctrica, e assim em breve tempo se iniciará a construção da linha partindo de Portalegre por Elvas em direcção a Evora, tendo solicitado dos poderes publicos a concessão duma linha de 60.006 volts, partindo do Entroncamento e seguindo pela margem esquerda do Tejo à península de Setubal.



Artur Nogueira

sibilidades da ribeira de Niza, que são bastante maiores do que se supõe. Era questão de dominar a corrente, orientá-la com intelligência, visto essa Se em vez de trabalhar em Portugal o fizesse num outro País, ha muito a constituir uma riqueza enorme transformada em hulha branca. E assim em o seu programa estaria realísado, porque todos quantos trabalham sabem que lora constituída uma empresa, com o capital de 4.000 contos, começando esforço e quanta dedicação são necessários para demover entre nós as mil e imediatamente as obras respectivas. Consistiam elas numa grande barragem a umas dificuldades que a todo o momento se levantam no caminho das realizações. aguas de Castelo de Vide. Em 1927, isto é: apenas dois anos depois foi inaugur-

Que importam formidaveis capitais absorvidos, os interesses duma industria a primeira central electrica, próximo da Póvoa. Tem esta, duas grandes turbinas incipiente mas que quer viver e expandir-se, se acima de tudo estão uns vagos pa, com a força bruta de mil cavalos.

Que luta gigantesca travada de hora a hora que, conhecida, faria conhecida por 360m de comprimento em semi-círculo, 25m de espessura na base, evidencia quanto heroísmo, sim, heroísmo, é necessário para tentar em Portugal na crista.

E' tempo e mais que tempo de mudar de rumo, de virar do avesso a saber se poderiam abalançar a uma obra tão gigantesca como esta. Todo o capital inicial desta grande obra foi empregado na primeira etapa que manifestação de actividade como um inimigo a abater, estimula-la e ampara a empresa. Sim, ninguém diria que esse prodígio fôsse feito com o capital de quatro milhões de escudos desvalorizados; mas o objectivo havia sido alcançado; o ouro que essa hulha representava não era lançado ao Tejo; a água ali estava submetida á vontade do homem que a havia de transformar em energia electrica.

Maio de 1934.

Tem muita razão o nosso querido amigo. Se esse esforço estupendo que representa a Hidro-Elctrica Alto Alentejo, se produzisse num outro paiz onde se sabe galaroar o trabalho, não lhe falaria todos os elementos para expandir ao maximo esse esforço.

Todavia o Alentejo, reconhece-o, ou pelo menos, começa a reconhecê-lo. Porquê? Porque os homens que estão á frente dessa empresa, falam pouco mas produzem muito.

E em Portugal dá-se precisamente o contrario. Tudo projectos, tudo palavras, tudo garganta.



José Nunes

Hidro-Elctrica Alto Alentejo

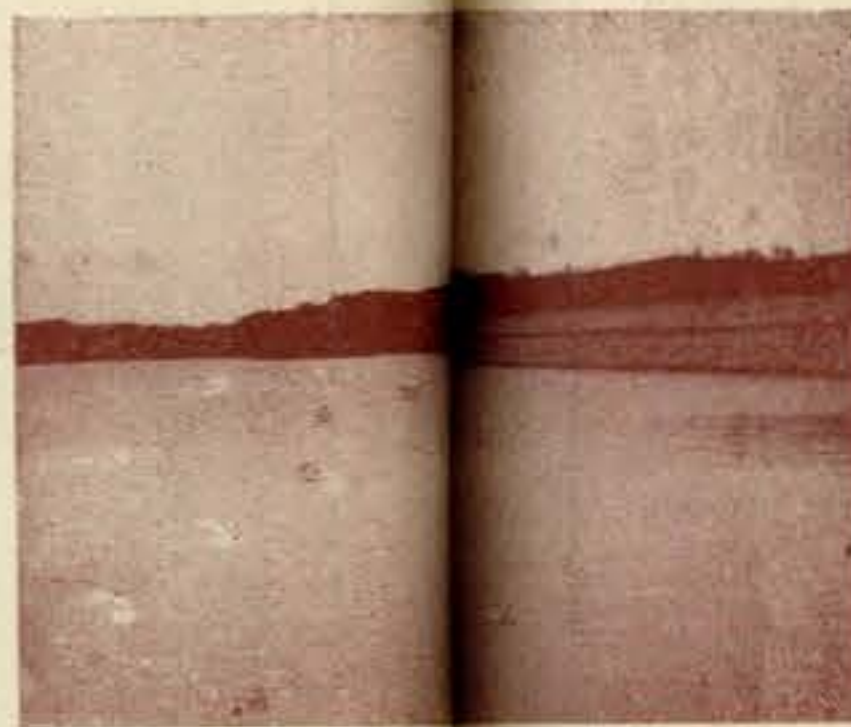
gações a estabelecer ulteriormente o curso, e pela quantidade de água pelo aproveitamento dum outro rio, a nos meses de inverno por ali garantir o abastecimento de toda a região em avalanches enormes essa região interessada, depois de esgotadas as possibilidades de transformação numa riqueza

Se em vez de trabalhar em Portugal o fizesse num outro País, ha muito a constituir uma riqueza enorme transformada em hulha branca. E assim em o seu programa estaria realísado, porque todos quantos trabalham sabem que lora constituída uma empresa, com o capital de 4.000 contos, começando esforço e quanta dedicação são necessários para demover entre nós as mil e imediatamente as obras respectivas. Consistiam elas numa grande barragem a umas dificuldades que a todo o momento se levantam no caminho das realizações. aguas de Castelo de Vide. Em 1927, isto é: apenas dois anos depois foi inaugur-

Que importam formidaveis capitais absorvidos, os interesses duma industria a primeira central electrica, próximo da Póvoa. Tem esta, duas grandes turbinas incipiente mas que quer viver e expandir-se, se acima de tudo estão uns vagos pa, com a força bruta de mil cavalos.

Que luta gigantesca travada de hora a hora que, conhecida, faria conhecida por 360m de comprimento em semi-círculo, 25m de espessura na base, evidencia quanto heroísmo, sim, heroísmo, é necessário para tentar em Portugal na crista.

E' tempo e mais que tempo de mudar de rumo, de virar do avesso a saber se poderiam abalançar a uma obra tão gigantesca como esta. Todo o capital inicial desta grande obra foi empregado na primeira etapa que manifestação de actividade como um inimigo a abater, estimula-la e ampara a empresa. Sim, ninguém diria que esse prodígio fôsse feito com o capital de quatro milhões de escudos desvalorizados; mas o objectivo havia sido alcançado; o ouro que essa hulha representava não era lançado ao Tejo; a água ali estava submetida á vontade do homem que a havia de transformar em energia electrica.



Outro aspecto da albufeira no fundo a barragem

Palavras do nosso director

O sr. Engenheiro José Custódio Nunes cujas qualidades de iniciativa e de trabalho, têm sido eloqüentemente demonstradas, não é só um grande alentejano; é mais alguma cousa. Ser alentejanista é colocar o Alentejo sobre todas as causas; ser-se alentejanista é trabalhar pelo progresso do Alentejo, é propagar as belezas do Alentejo. Ora o sr. Engenheiro Custódio Nunes é além de alentejano um grande alentejanista. Nasceu na Póvoa, concelho de Castelo de Vide, e com as suas faculdades de trabalho podia empregar a sua actividade em outros empreendimentos. Podia trabalhar e não criar. E o que fez esse nosso distinto comprouvenciano? Olhou para a sua região e viu-a quasi inhospita. Mas lá em cima na Serra de S. Mamede nasce um pequeno riacho conhecido pela ribeira de Niza, que muito a custo ia desaguar ao Tejo. Olhou e o que viu? Viu a sua região querida a fornecer energia para todo o Alentejo; viu outro, muito ouro nessas águas que o Tejo tragava; viu ainda mais: as aldeias tão suas conhecidas, iluminadas profusamente. Seria um sonho, ou uma aspiração real? E sendo uma aspiração como pô-la em prática num país em que se perdem tantas iniciativas, e numa região tão refractária, segundo a len da, a estes empreendimentos? E então, unido aos seus colegas

engenheiros João Geirinhas e Mário de Albuquerque de-



João Geirinhas



A conduta forçada e a Central da Povoá

tros maquinismos ao passo que a grande sala do 1.º andar é destinada aos aparelhos de alta tensão com os seus transformadores para 30.000 volts de tensão, estando esta energia distribuída proficientemente pelos processos mais modernos, mais simples.

A água chega às turbinas, por meio duma conduta forçada de 1,40 de diâmetro, que parte dessa barragem enorme.

Sim, tudo nesta Central é prodigioso, nos prende a atenção. Os dois grupos turbo-alternadores são de 509 H. P. e os dois grupos de transformadores são de igual de força.

Mas a água, depois de dar movimento às turbinas da Central não é abandonada como se pode imaginar. Essa água que é recaptada á saída da Central referida é conduzida para um canal com 3 kilometros e meio, canal onde se multiplicam os túneis, os aqueduto e as pontes até ir despenhar-se duma altura de 65m de queda fornecendo poderosa hulha a uma outra central conhecida pela Central de Bruceira onde põe em movimento dois grupos de turbinas com a força de 1.250 cavalos cada um.

Esta nova e poderosa fonte de energia electrica foi concluída em 1920. Os seus maquinismos constituem a última palavra em perfeição e economia.

Mas a agua ainda não é desprezada. Pensa a Hidro-Elctrica dirigir esse precioso filão para uma terceira Central por um canal que não terá menos do que 14 quilometros, sendo metade em tunel por meio do qual se quer aproveitar um desnível de 117m. Já está principiada a construir essa nova fonte de energia. Fica em Valada e terá uma força de de 7 500 cavalos. E' destinada a abastecer de energia a região Leiria-Caldas e depois o Baixo Alentejo. Devido á grande crise económica e á falta de chuvas de 1929 a 1932 esta importante Central não ficou concluída no final de 1932. Ali andavam a trabalhar 800 operários.



A Central de Bruceira com 65m de queda

Musa Alentejana

(Ao meu querido tio José Júlio de Brito Paes Falcão).

Primavera abençoada

No Alentejo a primavera
É alegria constante,
São três meses de quimera
Que nos seduz fascinante.

A plaga tam cismadora
Muda agora de feição,
Está linda, encantadora,
Já não é triste mansão.

Seus campos lembram o mar!...
— Searas que ao vento ondeiam —
Quais barquinhas a vogar
Papoilas se balaceiam!...

Que belo e que magestoso
O espectáculo dos trigais,
Que, irmão ser o pão gostoso
Em povoados e casais!

E, neles cantando em côro
Lindíssimas raparigas,
— Abundando o tipo mouro
Que lembram suas cantigas —.

(Tôdas trazem no sentido,
Trabalham numa tenção,
— Poder comprar um vestido
P'ra estreiar no S. João —.

Porque, ao povo alentejano
É grata em especial
Aquele festa do ano,
Mais que a Pascoa e o Natal).

Por beirinhas e ourelas
Há bordaduras de flores,
Branças, azuis, amarelas,
Roseas... de tôdas as côres.

Nas valetas das estradas
Regatinhos a brincar,
E, madre-silva em arcadas
Que vai perfumando o ar.

Maio de 1934.

Flora e Ceres andam loucas,
Com o Sol teem amores...
E, aos beijos de suas bocas
Cresce o pão abrem as flôres...

As flôres são em demasia
E de tantas qualidades...
Não há maior louçania
Nos jardins dessas cidades

E lá no brejo bravo
Onde não chega o arado,
Como em terras de pousio,
Fartam abelhas e gado.

A passarada gorgeia
Por balsas e silveirais,
E nas ribeiras se alteia
A rama dos freixiais,

Onde o rouxinol, artista
Poeta amante e cantor,
Leva as noites em conquista
Trinando endêchas de amor...

Cáiam, p'ra mais alvejar,
Muros de poços e fontes,
E as casas, desde o solar
Ao mais humilde dos «montes».

O sol, ah! Como êle brilha,
Como é lindo aqui agora!
São dias de maravilha
Por êsses campos afóra!

As noites, sêcas, amenas,
Convidam a passear...
Andam no campo as camênas,
Nas estrêlas... no luar...

Tudo canta, tudo ri,
É alegre sem igual!...
Primavera como aqui
Não a vejo em Portugal.

Andorinha

Ecoss e Noticias

Para que se saiba — Havendo quem propalasse malevolamente que o nosso amigo Cesar de Carvalho Miranda o esimado Presidente da Camara Municipal de Odemira tem um processo sobre os hombros por falsificador de gêneros, transcrevemos o impresso-recibo da multa que aquele nosso amigo pagou:

— «Vai Miranda Limitada, morador na Rua Serpa Pinto — Odemira, entregar na tesouraria da Inspeção Geral dos Serviços de Fiscalização de Generos Alimentícios a quantia de duzentos e sessenta escudos conforme a descriminação supra em que foi condenado por esta Inspeção Geral nos autos n.º 8388 por ter à venda latas de sardinha em conserva, impróprias para consumo por avaria.»

Melhoramentos na serra de Portalegre — Pelo fundo do desemprego foi votada a verba de 6 contos para construção de estradas da serra de Portalegre e 20 mil escudos para cultura da referida serra.

Um grande benemérito — Ponte de Sôr pode orgulhar-se de ter um seu filho, cujos dotes de benemerencia são reconhecidos por todos que o conhecem. Ele mandou construir uma escola que é uma das melhores do Distrito de Portalegre; ele mandou construir um hospital não se poupando a despezas, e que fica sendo uma casa de caridade com todos os requisitos modernos. Agora está construindo um teatro por forma a que o seu rendimento seja destinado à Misericórdia da terra.

Esse homem é o senhor José Vaz Monteiro figura que, pela magnanimidade do seu coração todo o povo de Ponte de Sôr, lhe tributa o maior dos agradecimentos.

Falecimentos

D. Joaquina Antónia Ceia

Faleceu no passado dia 29 a Ex.^{ma} Sr.^a D. Joaquina Antónia Ceia, esposa desveladíssima do nosso amigo Benvindo Ceia, um dos nossos melhores pintores, artista de raras qualidades e presidente da Sociedade Nacional das Belas Artes a quem enviamos os nossos sentidos pêsames.

Manuel da Silva Figueiredo

O distrito de Beja, acaba de perder um dos mais activos lavradores. E' o sr. Manuel da Silva Figueiredo o maior lavrador do concelho de Aljustrel, cuja casa agricola e industrial era em Montes Velhos, onde possuía uma importante fábrica de Moagens, e onde explorava as já acreditadas aguas do Farrôbo.

Espírito empreendedor como poucos, o illustre finado, deve ficar fazendo muita falta em todo o seu concelho.

O finado era sogro do nosso amigo dr. Ulisses Canijo, a quem enviamos os nossos mais respeitosos pêsames.

D. Fernanda Fernandes Cabral

Em Castanheira de Pera, faleceu a irmã muito querida do nosso prezado amigo sr. dr. Manuel Fernandes de Carvalho, Presidente da Junta Geral do Distrito de Portalegre, senhora virtuosissima que há tempos vinha sofrendo duma doença que a prostrou.

Contava apenas 22 anos, e era uma menina venerada por todas as pessoas que a conheciam.

O seu funeral que foi muito concorrido efectuou-se no passado dia 21.

A' familia enlutada, com especialidade do sr. dr. Fernandes de Carvalho endereçamos os nossos mais sentidos pêsames.

Comprovincianos — *A palavra selva quere dizer matagal, e é de campos cobertos por matagais que os povos do norte do paiz julgam ver os campos alentejanos. Se a selva é matagal certamente nos indicam como selvagens visto da selva ser-mos oriundos. Quereis derrotar essa calunia? Ajudai-nos a derrubá-la.*

«Lutuosa Nacional»

Esta colectividade com séde na capital, Rua Victor Cordon, 31, 2.º e agentes em todo o Alentejo, é a mais forte garantia no subsidio de sobrevivencia.

Aconselhar os nossos leitores a fazer a sua inscrição, é prestar-lhes o melhor serviço.

A sua Direcção composta de alentejanos illustres a que preside Ventura Abrantes, Dr. Rodolfo Santana Rôxo, Domingos Alberto Pulido Garcia, António Lala Xavier e Jacinto Fernandes Palma é o melhor titulo de quanto é bem dirigida.

Chamamos a atenção para o anuncio que publicamos.

PAGINA ANUNCIADORA

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres - preço de Policlínica, às segundas e quintas - Av. Almirante Reis, 31, 1.º - Tel. N. 4363

SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

Cabeço de Vide

Estancia de águas minero-medicinais (sulfo-alcalinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, entercolites mucro-membranasas.

Epoca balnear de 1 de Junho a 31 de setembro

Director clinico:

Dr. Alexandrino Lopes Russo

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas águas fornece todas as indicações.

CLINICA MEDICA E DENTARIA

Telefone 2 7146 - LISBOA

Doenças da boca e dentes - Cirurgia da especialidade - Clínica médica.
Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultorio, quanto a perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

MIRANDA, LIMITADA

Moagem de Cereais ODEMIRA Descasque de Arroz

Correspondente do Banco de Portugal e outros
Representante da Tabaqueira, Atlantic e Fosforeira Portuguesa
Negociante de mercearias, adubos e alfaias agricolas

SERVIÇO DE TRANSPORTES E GARAGISTA

OFICINA DE SERRALHARIA E CARPINTARIA

SUCURSAL EM S. TEOTONIO

Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agrícola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

Monte Negro — VALE DO SADO

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agrícola e Pecuária

Colos — ALENTEJO

BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana

Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e mular

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agrícola e Pecuária — BARRANCOS

Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

Trigos, cevadas e toda a especie de cereais

LÃS E LATICÍNIOS

CONSULTAI A

IMPRENSA BELEZA

ESPECIALISADA EM:

Jornais, Revistas,
Livros escolares,
literatura e ciências.

RUA DA ROSA, 99 a 107 — LISBOA

TELEF. 2 1622

Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Lisboa	Serpa Feira 26	Barrancos Agosto	Evora Mercado dia 28	Portalegre Mercado dia 29
Aveia, 20 litros	6\$50	6\$00	60\$00	8\$00	6\$00
Centeio, 20 litros	9\$50	12\$00	10\$00	9\$50	12\$00
Cevada, " "	11\$00	9\$00	8\$00	10\$00	9\$00
Fava, 20 litros	12\$50	12\$00	12\$00	15\$00	13\$00
Grão de bico, 20 litros	28\$00	20\$00	25\$00	25\$00	25\$00
Lã { branca, 15 quilos	140\$00	140\$00	120\$00	140\$00	—
{ preta, " "	110\$00	110\$00	90\$00	110\$00	—
Queijos { cabra, kilo	13\$00	—	10\$00	9\$00	—
{ ovelha, kilo	14\$00	16\$00	10\$00	12\$00	—
Azeite, 10 litros	55\$00	60\$00	60\$00	59\$00	58\$00
Cortiça, 15 quilos	—	15\$00	15\$00	—	—
Vinho { branco, 500 litros	—	—	—	—	300\$00
{ tinto, " "	—	—	—	—	—
Carvão, 15 quilos	—	4\$00	4\$00	5\$40	—

Cotação de gados

Designação	Feira do dia 26
Cavalo de sela	2 000\$00
Parelha de cavalos	5 000\$00
Jumento	250\$00
Parelha de muares	9 000\$00
Junta de bois	4 000\$00
» vacas	2 000\$00
Vaca leiteira	2 000\$00
Novilhos	1 500\$00
Vitela de 6 meses	700\$00
Carneiros	10 \$00
Ovelhas	60\$00
Borregos	4 \$00
Cabra leiteira	80\$00
Cabrito	53\$00
Porco, em vivo 15 kilos	300\$00

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Serpa	Trabalhos da época	8\$50	3\$50	4\$00	2\$00	
Barrancos	Debulha	9 a 10\$00				
Portalegre	Outros trabalhos	7\$00				
»	Trabalhos da época	7\$00	3\$50			

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma			
	Serpa	Barrancos	Portalegre	Lisboa
Cabra	4\$00	4\$50	3\$00	4\$30
Cabrito	5\$00	5\$00	5\$00	6\$00
Carneiro	6\$00	5\$00	4\$00	4\$90
Porco { com osso	7\$00	—	7\$00	10\$00
{ sem osso	10\$00	—	14\$00	14\$00
Vitela { com osso	—	—	4\$40	8\$00
{ sem osso	—	—	10\$00	10\$00
Chouriço	16\$00	18\$00	14\$00	16\$00
Farinheira	—	—	7\$00	8\$00
Morceia	—	—	6\$00	8\$00
Paio	20\$00	18\$00	20\$00	24\$00
Presunto	18\$00	20\$00	20\$00	15\$00
Toucinho	6\$00	4\$50	6\$00	8\$00
Banha de porco	6\$00	4\$50	6\$00	8\$00